

# Economia mundial preocupa EUA

**Bangcoc** — O secretário de Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, advertiu ontem em Bangcoc que a economia mundial está cheia de pontos fracos e “a tarefa de se conseguir uma expansão global estável ainda está por se fazer”. Afirmou que tanto o ritmo atual de crescimento da economia mundial como o nível de desemprego e a capacidade de produção inutilizada são insatisfatórios.

Embora as projeções do FMI sejam de uma recuperação moderada em 1992, Brady lembrou aos ministros da Economia dos 155 países membros do FMI que “nossas próprias projeções recentes, e as do pessoal do FMI, têm errado consistentemente quanto ao otimismo”.

O Comitê Interino do FMI se reuniu ontem no âmbito dos trabalhos da assembléia anual conjunta do FMI e do Banco Mundial, que se prolongarão até quinta-feira próxima na capital tailandesa.

As declarações de Brady ao Comitê foram lidas por Olin Weitzman, um secretário assistente do Tesouro, porque Brady ficou mais do que o esperado em uma reunião do Grupo dos Sete com uma delegação da União Soviética.

Brady assinalou também que a economia americana “parece estar se recuperando depois de três trimestres de contração, mas ainda há deficiências em setores chaves e em regiões”, enquanto as demais economias desenvolvidas em recessão “também estão enviando sinais contraditórios”.

Entretanto, o crescimento se desacelerou no Japão e na Alemanha e os efeitos da parada alemã estão repercutindo no resto da Europa, onde as expectativas de crescimento “se reduziram consideravelmente”.

**Dívida** — Para México, Chile e Venezuela, “a crise da dívida externa ficou superada”, disse ontem o secretário de Tesouro dos Estados Unidos aos ministros da economia e presidentes de bancos centrais dos 155 países-membros do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial.

Brady descreveu como “dramáticos” os resultados obtidos para superar o problema do endividamento excessivo dos países em desenvolvimento, mediante a aplicação da gama de instrumentos que se conhece como “Plano Brady”.

Afirmou que nações que há pouco tempo estavam a beira do desastre financeiro “estão regressando aos mercados (de capital),

atraíndo investimentos importantes, e capitais que haviam fugido, e experimentando um crescimento renovado”.

“México, Chile e Venezuela são admiráveis exemplos do que se pode obter através da combinação de reformas econômicas saudáveis e redução das dívidas”, afirmou Brady, acrescentando que pediu à Argentina, Brasil, Bolívia, Equador e Polônia para continuarem as discussões que mantêm atualmente com os bancos.

Reconheceu no entanto que ainda subsistem “desafios”, entre os quais mencionou o problema dos atrasos acumulados no pagamento de juros, “o que complica e demora a negociação de novos pacotes financeiros”.

O Brasil por exemplo tem um atraso de 9,2 bilhões de dólares e negociou em maio passado um acordo para ficar em dia, mas sua implementação está sujeita a renegociação do resto da dívida bancária (52 bilhões de dólares).

O ministro brasileiro da Economia, Marcílio Marques Moreira, disse ao Comitê Interino que já estão “bastante adiantadas” suas negociações com o FMI, em torno de um acordo stand-by de 20 meses, que em sua opinião deverá ser concluído antes do final do ano.